

AS CONCEPÇÕES DE ESCRITA DE SERVIDORES DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Lyra Maria Leite Araújo

Mestranda em Linguagem e Ensino pelo Programa de
Pós-Graduação em Linguagem e Ensino –PPGLE/UFCG.

Manassés Morais Xavier

Doutor em Linguística. Professor do Programa de
Pós-Graduação em Linguagem e Ensino –PPGLE/UFCG.

RESUMO

Este artigo investiga, a partir das respostas a um questionário, as concepções de escrita de servidores técnico-administrativos, pertencentes ao quadro de uma universidade federal da região nordeste do país. Empreendemos pesquisa de campo que teve objetivos exploratórios e natureza qualitativa. A análise foi realizada com fundamento nas contribuições advindas do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem; já as concepções de escrita foram fundamentadas pelas autoras Koch e Elias (2011). Os resultados convergem para as três concepções teorizadas por essas últimas, a saber: escrita enquanto reflexo do pensamento; escrita enquanto instrumento de comunicação; e escrita enquanto interação; sendo a segunda perspectiva, escrita enquanto instrumento de comunicação, a mais referenciada pelos servidores.

Palavras-chave: Teoria Dialógica da Linguagem. Escrita. Concepções de escrita. Prática social.

THE WRITING CONCEPTIONS OF EMPLOYEES FROM A PUBLIC UNIVERSITY

ABSTRACT

This article investigates, based on the answers to a questionnaire, the conceptions of writing of technical-administrative servants, belonging to the staff of a federal university in the northeast region of the country. We undertook a field research that had exploratory objectives and qualitative nature. The analysis was carried out based on contributions from the Bakhtin Circle about language; the conceptions of writing were based on the authors Koch and Elias (2011). The results converge to the three conceptions theorized by Koch and Elias (2011), to be: written as a reflection of thought; writing as a communication instrument; and written as interaction; with the second conception, written as a communication instrument, being the most referenced by the employees.

Keywords: Dialogical Theory of Language. Writing. Writing concepts. Social practice.

Introdução

Em razão de sua complexidade, a escrita tem instigado estudiosos a debruçarem-se sobre esta prática no decorrer dos anos. Com o objetivo de conhecê-la, defini-la, examiná-la, temos acesso a um bom acervo de contribuições, de diferentes vertentes teórico-metodológicas

(CHARTIER, 2002; FLUSSER, 2010; HAVELOCK, 1996), que esclarecem esta prática e, também, dimensionam a complexidade do ato de escrever. Por contemplar processos cognitivos, físicos, sociais, culturais e históricos, a escrita pode ser considerada uma atividade complexa, ou, em outros termos, uma construção que progressivamente alcançou várias esferas sociais.

A natureza dessa modalidade de comunicação submete-se às exigências de cada campo discursivo. Consideramos que, enquanto atividade de linguagem, a escrita organiza sujeitos em espaços sociais. Dentre esses espaços, destacamos o ambiente institucional de trabalho, o qual, sendo um campo da comunicação, mobiliza sujeitos por meio da rotina laboral, como também, a partir de uma prática de escrita específica daquela esfera.

A partir desta compreensão, com esteio na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), selecionamos um grupo de trabalhadores, servidores técnico-administrativos, lotados no Centro de Humanidades de uma universidade federal da região nordeste do país, para conhecer as práticas de escrita desenvolvidas por eles. Ao selecionar este grupo, questionamos: quais são as práticas de escrita desses servidores no seu contexto de trabalho na universidade? Como compreendem o ato de escrever nesse contexto? Isto posto, este artigo surge com o objetivo de apresentar os resultados da análise das concepções de escrita de servidores públicos que utilizam esta prática em suas rotinas de trabalho.

Este estudo justifica-se pela pertinência em pensar as concepções de escrita que estão presentes na universidade, mas que, por não relacionarem-se à perspectiva do professor ou do aluno, ainda são pouco analisadas. Evidenciamos, nessa proposta, o ponto de vista do servidor técnico, trabalhador responsável pela escrita e interação mediada por documentos administrativos. Nisso vislumbramos a relevância desse artigo e sua contribuição aos estudos linguísticos.

Para tanto, ancoramo-nos nas contribuições teóricas advindas do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem (VOLÓCHINOV, 2018, 2019; BAKHTIN, 2016; MEDVIÉDEV, 2019); as considerações históricas foram respaldadas pelos autores Fischer (2009) e Flusser (2010); sobre as concepções de escrita, tomamos como referência as contribuições de Koch e Elias (2011). Vale ressaltar que os dados utilizados nesta pesquisa são oriundos de nossa pesquisa em nível de mestrado acadêmico em andamento.

Do ponto de vista da organização deste artigo, há, inicialmente, um breve apanhado histórico sobre a escrita; em seguida, descrevemos três concepções que permeiam essa prática; ao fim, apresentamos e discutimos os resultados da análise dos dados.

A origem da escrita

Ao remontarmos a origem da escrita, percebemos uma prática que foi desenvolvida no seio social, fruto das necessidades de cada povo e de cada período histórico. Iniciada por volta de 2.400 a.C, na antiga Mesopotâmia, a escrita surge para auxiliar na administração de riquezas, trabalhadores, plantações, sendo logo disseminada entre outros povos (FISCHER, 2009).

Ao longo dos anos, foram atualizados os símbolos, os suportes, os usos e essa construção social chega à contemporaneidade como um pilar de nossa cultura, a cultura letrada. A natureza da linguagem escrita¹ facilitou a transmissão e a propagação de conhecimentos, de modo que o texto e o seu suporte apontam e contam a história de seu tempo de produção, a exemplo da escrita em blocos de argila dos sumérios, ou os hieróglifos dos egípcios.

Dessa forma, temos, na escrita, um código que é partilhado pelo grupo que contribui na construção da sociedade e, de modo dialógico, temos uma prática que também é modificada por ela. Esta afirmação é percebida quando direcionamos nossa atenção aos suportes da escrita. São diversos os materiais que abrigaram esta prática, desde uma produção mais rudimentar em blocos de argila, até a folha de papel ou a tela digital.

Este recorte nos apresenta como a escrita influenciou e foi influenciada pelo meio social. Ao observar os suportes que já sediaram a escrita, o filósofo Flusser (2010, p. 36) afirma: “tudo torna-se estruturalmente mais complexo, para funcionalmente tornar-se mais fácil”. Atualmente, há um aparato tecnológico a serviço da escrita, em contraponto, é possível escrever com a facilidade de toques em telas digitais. Esta característica possibilitou a ampliação de usos da escrita, a exemplo das mensagens em aplicativos, e, também, transmite a celeridade da rotina contemporânea. Essa agilidade, possibilitada pelas novas tecnologias digitais da informação e comunicação (NTDIC), permite que a prática da escrita transite nos vários campos de comunicação discursiva, em situações formais ou informais. A partir deste breve preâmbulo, percebemos, na escrita, uma construção desencadeada com base nas necessidades sociais. O passar do tempo permitiu a confecção de novos suportes e novas ferramentas que servem a esta prática.

Por outro lado, além dos aspectos físicos, a escrita possui uma dimensão cognitiva, sobre a qual iremos nos ater no próximo item.

¹ Em contraponto à cultura oral, em que havia dependência da memória do sujeito.

As concepções de escrita

Atrelada ao ato de escrever subjaz a concepção de escrita do sujeito. Por esta razão, delinearemos, a seguir, três concepções que foram defendidas pelas autoras Koch e Elias (2011), a saber: 1) Escrita enquanto expressão do pensamento; 2) Escrita enquanto instrumento de comunicação; e 3) Escrita enquanto interação. Com ênfase nessa última perspectiva, que entende a escrita enquanto um evento interacional que relaciona, dialogicamente, sujeitos, conforme observaremos na discussão abaixo.

Na primeira delas, temos uma concepção que caracteriza a escrita como representação do pensamento. Koch e Elias (2011, p. 33, grifo das autoras) explicam: “A **escrita**, assim, é entendida como uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo”. Nessa perspectiva, percebemos um enfoque na atividade individual, ao compreender que a escrita é espelho do pensamento. Esta concepção evidencia uma etapa relativa à reflexão que faz parte do processo de escrita, mas que não abarca a sua complexidade. Essa compreensão também é adotada pelo filósofo Flusser (2010, p. 18), quando afirma: “escrever é um gesto que orienta e alinha o pensamento. Quem escreve, teve de refletir antes. E os sinais gráficos são aspas para o pensamento correto”.

Compreendemos o trabalho individual e a reflexão como inerentes à escrita de qualquer texto. Contudo, à luz da concepção interacional de linguagem do Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2018), ressaltamos que nossos esquemas mentais, por mais que pareçam ser criações próprias, são concebidos e desenvolvidos nas vivências sociais, no confronto de ideias, concordâncias e discordâncias. Destarte, percebemos uma lacuna nesta concepção ao ignorar as vivências sociais dos sujeitos.

A segunda concepção enfatiza a língua e os aspectos da superfície do texto. Nesta percepção, “o **texto** é visto como simples produto de uma codificação realizada pelo escritor a ser decodificado pelo leitor, bastando a ambos, para tanto, o conhecimento do código utilizado” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 33, grifo das autoras). Assim, nesta perspectiva, vinculada a uma noção estruturalista da linguagem, a escrita é limitada a aspectos técnicos relacionados ao código linguístico, de modo que é priorizado o domínio da gramática normativa e a escrita mostra-se como um mero instrumento da comunicação.

Entendemos a importância do código linguístico, afinal, ele é um requisito para a prática da escrita que foi construído na interação dos sujeitos a partir da estrutura social. Sobre

esse código, Bakhtin (2016, p. 49, grifos do autor) elucidada: “Tanto a palavra quanto a oração enquanto *unidades da língua* são desprovidas de entonação expressiva”. Desse modo, ao enfocarmos palavras ou orações desvinculadas do contexto de enunciação, estamos lidando com a materialidade linguística desprovida de apreciações e valorações; este código só ganhará vida e significados quando inserido em situações de comunicação. Por isso, consideramos que esta perspectiva falha ao ignorar o entorno social e destacar aspectos da superfície da língua que não abarcam a totalidade da prática da escrita.

Por essa razão, nos acostamos à terceira concepção de escrita, uma vez que esta perspectiva entende o ato de escrever como um evento comunicativo interacional,

Nessa concepção **interacional (dialógica) da língua**, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que - dialogicamente - se constroem e são construídos no texto**, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais. (KOCH; ELIAS, 2011, p. 34, grifos das autoras).

Esta concepção não despreza os elementos linguísticos, nem a reflexão que mobiliza os conhecimentos do autor, mas destaca-se por pensar no sujeito a quem se destina o texto. Ao entendermos a escrita como evento comunicativo, a enxergamos no sentido proposto pelo círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2018), como “ponte” que interliga os sujeitos de uma enunciação, um relacionamento dialógico em que o leitor não é uma figura de menor valor, mas um personagem que interfere na elaboração do texto.

Por contemplar a interação dos sujeitos, referenciamos a escrita enquanto uma prática social. Essa última, neste texto, não se resume à semântica de “exercitar” ou “por em prática”, mas trata-se de um conceito importante que contribui na elaboração do que compreendemos como escrita. Para além de uma técnica, entender a escrita enquanto uma prática é perceber a interação social que está na base dessa construção. Resultado das vivências são as práticas sociais que mobilizam sujeitos, interesses, regulam nossos valores, ações e, também, nossa escrita.

Garcez (2004, p. 8) esclarece: “Todo ato de escrita pertence a uma prática social. Não se escreve por escrever. A escrita tem um sentido e uma função. [...] Pela escrita estamos atuando no mundo, estamos nos relacionando com os outros e nos constituindo como autores, como sujeitos de uma voz”. Dessa forma, para compreender a escrita é necessário perceber as relações sociais que a envolvem, o texto não é apenas um canal para comunicação, é, também,

uma forma de constituição do sujeito, além de mostrar-se como um artefato que permite ao autor agir socialmente, pois contém suas apreciações, posicionamentos e pontos de vista.

Ao vislumbrar a interação social presente na prática da escrita, defrontamo-nos com a “realidade efetiva da linguagem”. Volóchinov (2018, p. 218-219) afirma que

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados.

Assim, a realidade da linguagem manifesta-se em situações de comunicação e diz respeito não apenas ao código linguístico, mas à interação discursiva entre os sujeitos, que não será, necessariamente, por meio da escrita, mas abarca esta modalidade da linguagem sobre a qual estamos debruçados.

A partir disso, consideramos que o ato de escrever relaciona-se ao sujeito que escreve e, também, ao interlocutor, ambos são modificados por esta prática. Bazerman (2007, p. 110) pontua:

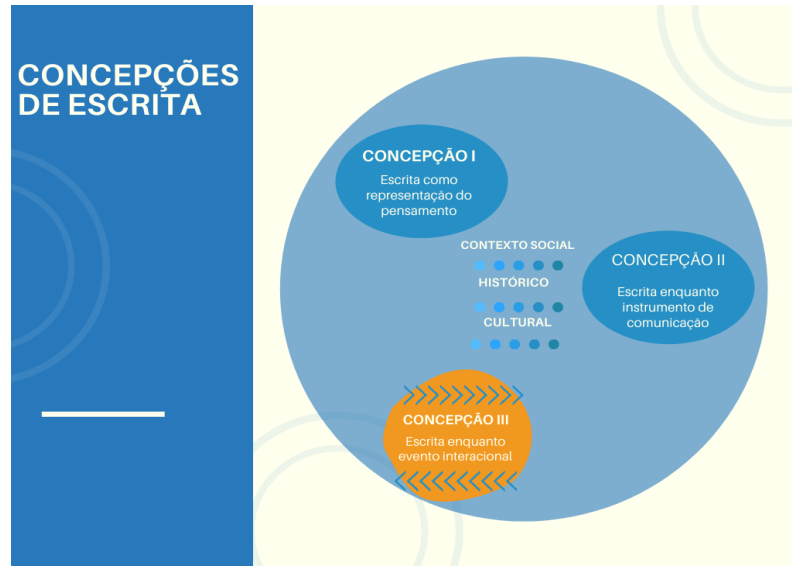
[...] aprender a escrever significa aprender a assumir uma presença ousada no mundo e entrar em complexas e sofisticadas relações com os outros, quer seja escrevendo relatórios contábeis, saudações diplomáticas, matérias jornalísticas ou estudos sociológicos.

Sob essa ótica, independente do gênero e do campo de comunicação, ao escrever, o sujeito inscreve-se em uma prática social, interage com outros pontos de vista e, assim, defende sua perspectiva e atua no mundo. Além disso, esse processo cria um registro em que são refratados as circunstâncias sociais da época da produção e que, quando revisitado, estabelecerá um diálogo, seja com registros de uma mesma época, seja com escritas de períodos distintos. Entrelaçada às condições históricas, sociais e culturais, a escrita tem preservado a língua e fomentado novas possibilidades de interação.

A exemplo da escrita em aplicativos de mensagens e redes sociais. Pelo fato da escrita ser uma prática sincronizada às condições sociais, no contexto contemporâneo, que é caracterizado pela inovação e tecnologia, percebemos como a escrita alcança esses espaços e utiliza os suportes tecnológicos para a promoção da interação entre sujeitos em plataformas digitais.

A fim de demonstrar os aspectos mais relevantes de cada uma das concepções discutidas, apresentamos, a seguir, um diagrama.

Diagrama 01 – Concepções de escrita



Fonte: Produzido pelos pesquisadores

Desenvolvemos o Diagrama 01 com o intuito de visualizarmos a abrangência das concepções apresentadas. Compreendemos a relevância da atividade individual para a escrita, entretanto, ao focalizar o indivíduo, a primeira concepção não prevê o entorno social que possibilita o desenvolvimento desta prática; já a segunda concepção, põe em relevo o código linguístico, contudo, enquanto atividade complexa, há outros aspectos que necessitam ser considerados; para nós, a última concepção abarca as anteriores, conforme tentamos demonstrar, ela ressalta a escrita como um evento comunicativo, ou seja, uma forma de interação, situada social, cultural e historicamente. Nessa perspectiva, o contexto não é mero “acessório”, mas sim um elemento importante que regula os usos e oferece significados à escrita.

Portanto, escrever é uma prática social realizada por meio de um código linguístico construído socialmente, cujo objetivo é a interação dos sujeitos. Por relacionar-se diretamente às condições sociais, logo, às esferas discursivas, esta prática orienta-se pelas exigências e necessidades de cada campo de comunicação.

Antes de procedermos à apresentação e discussão dos resultados da análise, consideramos pertinente apresentar alguns aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspectos metodológicos

Para alcançar os objetivos propostos, consideramos essencial a aproximação com o público-alvo, motivo de emprendermos uma pesquisa de campo que permitisse apreender as concepções sobre as práticas de escrita dos servidores. Utilizamos essa classificação baseados no conceito apresentado por Severino (2013) quando afirma que, na pesquisa de campo, o objeto é abordado em seu ambiente próprio; em consonância com esse raciocínio, buscamos abordar nosso público-alvo durante a vivência laboral. Em relação aos seus objetivos, trata-se de pesquisa exploratória, em virtude de proporcionar familiaridade da pesquisadora com os pesquisados e, nesse contato, ser possível a obtenção ou esclarecimento de conceitos. Em razão do objeto de análise, nossa investigação é de natureza qualitativa, nessa abordagem, a subjetividade é relevante e é considerada, bem como o contexto social, histórico e cultural dos sujeitos colaboradores.

Sobre o instrumento de geração dados, elegemos o questionário *on-line* para a pesquisa, pois, pelas suas características, apresenta-se como um instrumento propício para o levantamento de informações por parte dos sujeitos pesquisados, tanto com as questões abertas, quanto com as questões de múltipla escolha. A modalidade *on-line* foi oportuna por alguns motivos, dentre eles, ressaltamos o contexto pandêmico instalado no mês de março de 2020 que impediu o contato físico; além disso, a ferramenta *on-line* tem a possibilidade de alcançar o maior número de colaboradores e ser acessada através do celular, *desktop*, etc.; e, por último, nesse modelo temos praticidade na sistematização e arquivamento das respostas. Diante disso, elaboramos nosso questionário com vinte e duas questões, organizadas em quatro eixos, a saber: a concepção dos servidores a respeito da prática da escrita; a vivência prévia e atual com esta prática; a relação com gêneros profissionais; e, por fim, questionamos a experiência deles com o sistema, recém implantado, de gerenciamento de processos.

Como dito anteriormente, para este artigo, fizemos um recorte para análise do primeiro questionamento da pesquisa, no qual pretendia conhecer as concepções de escrita dos servidores.

Quem são os trabalhadores implicados na pesquisa?

Os trabalhadores pesquisados são servidores públicos efetivos, pertencentes ao quadro de técnicos administrativos, lotados no Centro de Humanidades (CH) de uma universidade federal da região nordeste do país. São organizados em cinco níveis de classificação: A, B, C, D, E². Estas categorias congregam conjuntos de cargos de uma mesma hierarquia, classificados a partir da escolaridade, nível de responsabilidade, habilidades específicas, formação especializada, entre outros. Convém frisar a diversidade e extensão do CH, razão de congregar número considerável de servidores, bem como diversos perfis de trabalhadores.

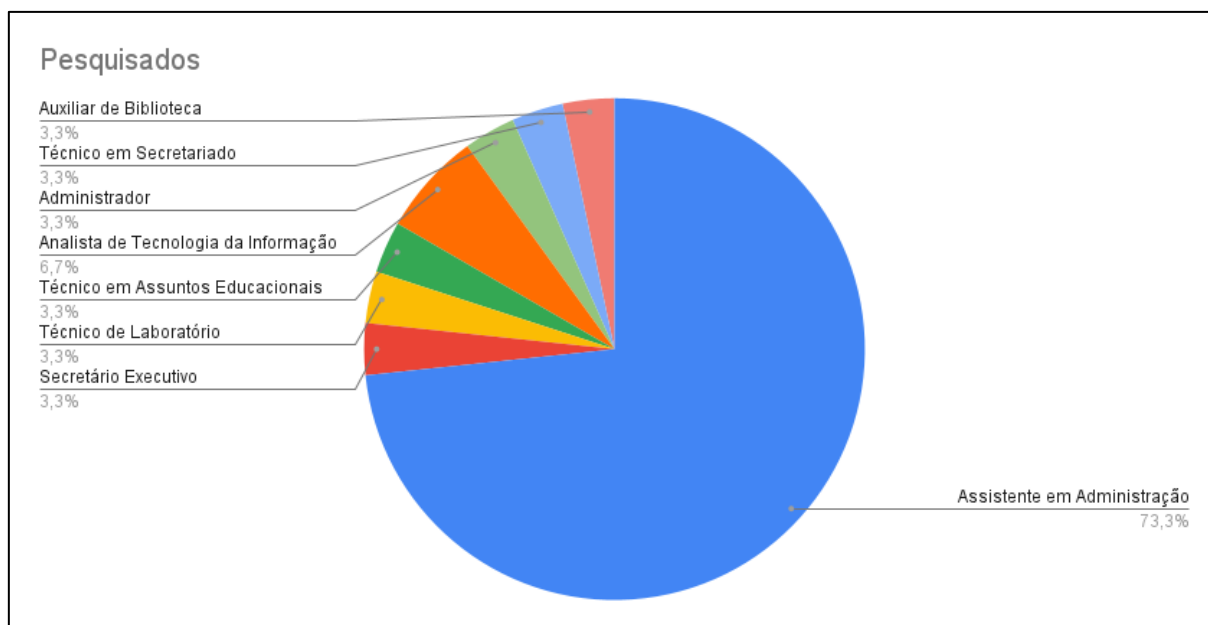
Dessa forma, dentre os 87 (oitenta e sete) servidores lotados no CH³, o questionário foi enviado para 56 (cinquenta e seis), com o objetivo de alcançar os trabalhadores que têm a escrita como atividade principal. Os servidores afastados não foram contactados. Os dados foram gerados no período de 27 de agosto de 2021 a 13 de setembro do mesmo ano. Realizamos duas chamadas que alcançaram o quantitativo de 30 (trinta) respostas, perfazendo um total de 53,5% de devolução dos questionários. Nesse universo, 15 sujeitos são do sexo feminino e 15 do sexo masculino. A faixa etária orbita entre 26 e 60 anos de idade.

Em relação aos cargos dos sujeitos que participaram da pesquisa, responderam: Auxiliar de Biblioteca (nível C); Assistente em Administração, Técnico em Secretariado e Técnico de Laboratório (nível D); e Administrador, Analista de Tecnologia da Informação, Técnico em Assuntos Educacionais e Secretário Executivo (nível E), conforme pode ser visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 01 – Cargos dos servidores pesquisados

² Lei 11.091, de 12 de janeiro de 2005, dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências.

³ Informação baseada em Relatório de Servidores da Secretaria de Recursos Humanos da instituição, referente ao mês de agosto/2021.



Fonte: Produzido pelos pesquisadores

Como pode ser visualizado no Gráfico 01, a maior parte dos entrevistados (73,3%) é Assistente em Administração, cargo de nível médio presente em vários setores do Centro e, em razão das atribuições do cargo, esses servidores desempenham funções variadas nas diversas unidades administrativas.

As concepções de escrita dos servidores

Após a contextualização sobre o perfil de servidores a que esta pesquisa se atém, nosso primeiro questionamento foi aberto, indagamos: “1. **O que você entende por escrita?**”. Nosso objetivo, com esta pergunta, foi iniciar uma reflexão sobre a prática da escrita de nosso público-alvo e, com isso, conhecer o entendimento deles, profissionais que utilizam a escrita diariamente, sobre essa prática.

As respostas orbitaram pelas três concepções de escrita já apresentadas neste artigo, sendo a segunda concepção, escrita enquanto instrumento de comunicação, a mais referenciada. Para evitar um cenário de repetição de dados, selecionamos amostras das respostas que contemplam as concepções de escrita apresentadas e evidenciam, mais claramente, o entendimento dos trabalhadores sobre esta prática.

A escrita enquanto expressão do pensamento

Uma concepção de escrita que já foi bastante difundida diz respeito à perspectiva que compreende a escrita como reflexo do pensamento. Sob esta ótica, a atividade cognitiva que faz parte da prática da escrita é focalizada e os outros aspectos, igualmente importantes, são colocados em segundo plano.

Alguns servidores, 20% do total de respostas, compreendem a escrita dessa forma. O servidor Noam⁴ expressou: “Para mim, trata-se da materialização do pensamento cognitivo em códigos (letras e números)”. Com esta compreensão, o servidor assinala a materialidade do código linguístico, mas ressalta esse elemento enquanto reflexo do pensamento.

Já o servidor Melk considera a escrita: “Representação inteligível do pensamento na forma gráfica!”. Assim, temos elementos gráficos que são conhecidos entre os sujeitos e o uso desses elementos representam o pensamento do falante.

De modo semelhante às respostas anteriores, o servidor Augusto enunciou: “Expressar pensamentos, linguagem escrevendo”, este colaborador assinala o reflexo do pensamento a partir da língua escrita e evidencia que essa prática é uma modalidade da linguagem.

Notadamente, a atividade cognitiva é fundamental na escrita. Quando enfocamos a etapa da cognição, percebemos que essa prática requer do sujeito, além da competência do código, conhecimento, organização e planejamento das ideias, logo, de início, há um aspecto intelectual em destaque na prática da escrita.

Koch e Elias (2011) indicam que esta concepção enfatiza a atividade individual que está presente na escrita, mas que essa compreensão não abarca a totalidade dessa prática. Logo, esta primeira perspectiva possui uma lacuna por não observar os demais aspectos que são mobilizados pela prática da escrita.

Conceber o ato de escrever como “materialização do pensamento cognitivo” (Noam), “Representação inteligível do pensamento” (Melk), corresponde a ler tais concepções como perspectiva que sublinha a atividade cognitiva da escrita e reforça uma noção que pensa a escrita enquanto dom, em que apenas algumas pessoas seriam contempladas com tal habilidade. Reforçamos que os sujeitos pesquisados não são profissionais da linguagem. Portanto, não estamos aqui “cobrando” uma concepção de escrita enquanto interação, por exemplo. Todavia, enquanto usuários da língua, esses dados nos revelam que uma parcela de nosso público-alvo ainda distancia-se da percepção de escrita enquanto prática social.

⁴ Para preservar a identidade dos servidores, utilizaremos nomes fictícios.

A escrita enquanto instrumento de comunicação

A segunda perspectiva, a escrita enquanto instrumento de comunicação, enfatiza a língua e aspectos da superfície do texto. Ao ser levado a refletir sobre uma atividade complexa, mas cotidiana, a maior parte dos trabalhadores, 70% das respostas, detém-se a conceituar a escrita a partir da perspectiva física da escrita que contempla a materialidade dos aspectos linguísticos. Seleccionamos, para esta seção, três respostas dentre as vinte e uma que indicam a concepção de escrita enquanto instrumento.

A servidora Max enunciou: “É a representante da linguagem falada por meio de símbolos gráficos”. A partir desta resposta, percebemos que a servidora compreende a precedência da fala em relação à escrita, mas limita-se a caracterizá-la em virtude dos símbolos gráficos.

Já a servidora Magg afirma: “É a representação da linguagem falada, que deve ser de forma mais clara e precisa possível”. De modo semelhante à resposta anterior, Magg caracteriza a escrita enquanto instrumento, enquanto símbolo representativo da linguagem falada, e acrescenta: “que deve ser de forma mais clara e precisa possível”. Este complemento é interessante porque indica a caracterização dos gêneros profissionais escritos, objetos de trabalho (comunicação e interação) do público-alvo desta pesquisa. Essa escrita, em específico, preza pela clareza e precisão das informações. Habituada a este tipo de escrita, a servidora utilizou esta definição como um conceito geral, entretanto, sabemos que não se aplica a todos os gêneros, como os literários, por exemplo.

O servidor Anísio compreende: “Ato de transcrever algum dado ou informação”, similar às respostas anteriores, o servidor evidencia o instrumento. Ao utilizar verbo “transcrever”, temos uma semântica ainda mais inclinada ao sentido mecanizado e instrumental.

Evidenciamos, nessa seção, dados cujo teor acentuam a relevância da escrita enquanto instrumento. Compreendemos que a língua é a etapa que salta aos olhos no processo de escrita. Certamente, ao serem conduzidos à reflexão, no primeiro questionamento, os sujeitos buscaram um “lugar seguro” para fundamentarem suas respostas, um lugar, que nesse caso é uma concepção, que durante muito tempo foi apresentada no ensino da língua portuguesa.

Motivados pelo interesse de entender esses números, bem como compreender a vinculação da maior parcela de servidores (70%) na perspectiva que tem a escrita como instrumento de comunicação, debruçamo-nos em um estudo diacrônico das concepções de

escrita difundidas na educação básica entre 1986 a 2010⁵. Partimos do pressuposto que, excetuando-se os servidores que possuem formação acadêmica na área de linguagens, nossas concepções de escrita são criadas, reformuladas e desenvolvidas em ambiente escolar, logo, a maneira em que o sujeito foi instruído na educação básica repercutirá nas concepções que esse sujeito enuncia quando adulto, caso não tenha sido exposto a outras compreensões.

Nossa investigação histórica indicou que na década de 1980 temos indícios de uma concepção de escrita enquanto instrumento de comunicação, conforme, ainda, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971, mesmo sendo uma visão já contestada à época. Na década de 1990, permanece uma visão estruturalista que prioriza o ensino gramatical e percebe a escrita enquanto código, apenas no final da década, essa noção começa a ceder lugar para a um ensino que observa, também, a interpretação de textos e inserção de outros gêneros na prática escolar, certamente pela vigência dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998. A década de 2000 destacou-se pela expansão do trabalho com gêneros textuais e a inclusão da perspectiva interacional.

Ao estabelecer o paralelo com as idades dos colaboradores, percebemos que apenas cinco servidores (16,7%), possuem entre vinte e seis e trinta anos de idade, ou seja, alcançam a idade escolar entre meados da década de 1990 e 2000, os demais, 83,3%, tiveram a maior parte de sua formação anterior à década de 90. Dentre esses, boa parcela foram formados entre 1970 e 1980, período em que prevalecia uma perspectiva estruturalista, cuja ênfase no ensino da língua priorizava as normas gramaticais e entendia escrita enquanto instrumento de comunicação, inclusive, a disciplina de língua portuguesa era intitulada “Comunicação e Expressão”. Perante esses dados, percebemos que essas concepções são mantidas pelo nosso público-alvo na contemporaneidade, conforme foi possível observar.

Diante dessa exposição, nós compreendemos a importância do código linguístico para a escrita, afinal, ele é um requisito para uma prática que foi construída na interação dos sujeitos a partir da estrutura social, como também, concordamos que o ato de escrever serve à comunicação, contudo, consideramos, mais uma vez, que adotar esta concepção não abarca a complexidade da prática da escrita, mas toma um requisito, que é o código, como a integralidade de uma prática que congrega diversas variáveis.

⁵ Para isso, foi fundamental o artigo “Um estudo diacrônico da concepção de escrita e produção textual na revista Nova Escola”, produzido pelas autoras Flores e Guimarães (2012).

Além disso, ao acostar-se nessa concepção que entende a escrita como instrumento, há um indicativo de que o código linguístico supre todas as necessidades de linguagem. No entanto, sabemos que nem sempre a língua será capaz de realizar essa transposição, de forma irretocável, do discurso que está no interior para o exterior.

Em contraponto à primeira concepção apresentada, percebemos um avanço, nessa segunda perspectiva, ao sair da zona da cognição e lançar o olhar, ainda tímido, na interação que a escrita promove. Nesse momento, ainda não há menção à interação discursiva, mas as respostas avançam ao saírem do foco excessivo do indivíduo e passam a contemplar a situação social através do caráter comunicativo da escrita.

A escrita enquanto interação

As concepções apresentadas anteriormente focalizam, no primeiro polo, a atividade cognitiva, e, no segundo, o código linguístico. Nesta terceira concepção, a escrita enquanto interação, além dos elementos observados nas duas primeiras concepções, o ato de escrever é visto em sua complexidade como recurso de interação situada em um contexto histórico, social e cultural. Ao unir todos esses elementos, essa terceira perspectiva amplia a compreensão sobre a prática da escrita. Três servidores, 10% do total de respostas, consideraram a interação no ato de escrever.

O servidor Márcio afirmou: “Forma de expressão gráfica de linguagem humana, que permite que os seres humanos troquem experiências, se comuniquem e registrem seus pensamentos e cultura”. Este servidor observa, inicialmente, a escrita enquanto um código linguístico, ao mencionar a forma gráfica da linguagem, mas aprofunda esta percepção ao explicitar a troca de experiências, ou seja, a interação que acontece por meio da escrita, bem como o legado do registro escrito. Além disso, essa resposta ainda traz a compreensão da escrita como registro do pensamento e da cultura.

Já o servidor Máximo pontuou: “Uma forma de comunicar por meio de símbolos. Um código compartilhado culturalmente entre os indivíduos”. Esta resposta prevê a materialidade dos símbolos e revela, também, a influência da cultura na prática da escrita. Mesmo tendo dado ênfase no aspecto comunicativo, esta resposta diferencia-se pela menção às influências culturais e sugere a interação ao mencionar o compartilhamento entre os indivíduos, logo, a interação.

Na terceira resposta selecionada, o servidor Luís declarou: “Forma de comunicação entre povos e pessoas. Também forma de armazenamento de histórias, conhecimentos e vivências, eternização de fatos”. Nessa resposta, o servidor referencia o caráter comunicativo da escrita e especifica: entre “povos e pessoas”. Acreditamos que esta individualização objetiva indicar uma comunicação mais ampla, histórica, que compreende várias épocas, conseqüentemente, diferentes povos; e outra mais próxima, com caráter mais imediato, entre as pessoas. Este servidor contempla, ainda, o legado da escrita, que pereniza a linguagem, conta histórias, armazena e difunde conhecimentos, e, por meio disso, promove a interação.

Podemos ampliar as leituras dessas respostas ao identificarmos que elas congregam as três concepções de escrita trabalhadas neste artigo. Os servidores Márcio, Máximo e Luís entendem o código linguístico e, também, as implicações desse código na vida social, que é a interação humana, por meio da troca de experiências. Além disso, acentuam a relevância da cultura para essa prática.

Ao contemplar a interação, essas respostas congregam aspectos que merecem relevo. Entendemos a essência da escrita quando a compreendemos enquanto uma prática banhada pelas influências sociais, históricas e culturais, cujo fundamento é relacionar sujeitos, de modo que, todo enunciado é elaborado com base nessas condições e formulado para um destinatário. Assim, para além de uma técnica, entender a escrita enquanto uma prática é perceber a interação social que está na base dessa construção.

Percebemos, diante dos dados, que a maior parte do público-alvo compreende a escrita enquanto instrumento comunicativo e que a noção interacional ainda é tímida nesse campo discursivo quando observada da perspectiva do servidor técnico. Concluída a apresentação e discussão dos resultados, a seguir, finalizamos este trabalho com as considerações finais e referências.

Considerações finais

Neste artigo, aderimos a concepção de escrita enquanto uma construção desenvolvida historicamente no seio social. Em razão disso, por ser fruto da interação social, a consideramos, além de uma técnica, uma prática que é influenciada por aspectos sociais, históricos e culturais. Nosso objetivo foi apresentar os resultados da análise das concepções de escrita de servidores públicos que utilizam esta prática em suas rotinas de trabalho.

Diante da análise realizada, percebemos que a compreensão dos colaboradores vinculam-se nas três concepções teorizadas pelas autoras Koch e Elias (2011): escrita enquanto reflexo do pensamento; escrita enquanto instrumento de comunicação; e escrita enquanto interação; sendo a segunda concepção, escrita enquanto instrumento de comunicação, a mais referenciada pelos servidores, em termos numéricos, 70% das respostas.

Esse dado pode relacionar-se à reflexão, quando solicitada pelo questionário, mais imediata e “palpável”, já que o código é a etapa que salta aos olhos no processo de escrita; como também, tentamos demonstrar no artigo, que essas concepções foram desenvolvidas durante a educação básica, em contextos em que difundiam a concepção de escrita enquanto instrumento de comunicação.

Contudo, percebemos, também, respostas cujo teor agregam indicações importantes das circunstâncias sociais, históricas e culturais, elementos que, conforme observamos, influenciam e são influenciados por esta prática.

Sublinhamos que, em nossa perspectiva, as três concepções são complementares. A primeira enfatiza a atividade cognitiva, etapa importante no processo de escrever, mas não única; a segunda focaliza o código, que é um requisito essencial para a escrita, entretanto, não pode ser considerado a finalidade desta prática; por fim, a terceira concepção que pensa a escrita enquanto um evento interacional, nesta perspectiva, a interação é posta em relevo e agrega, além das concepções anteriores, a situação de enunciação, o tempo histórico, social, cultural e, principalmente, o destinatário do texto.

Consideramos, então, que este artigo respondeu o questionamento inicial sobre as concepções de escrita dos servidores técnico-administrativos e impulsiona outras análises advindas, ainda, do questionário trabalhado neste texto. Desse modo, lemos que o presente estudo contribui com pesquisas que têm a escrita como prática social e como um fenômeno de linguagem que inscreve sujeitos em seus espaços de interação no âmbito dos diferentes campos da comunicação discursiva, dentre eles, o profissional.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. Organização e tradução de Judith Chambliss Hoffnagel e Angela Paiva Dionísio. São Paulo: Cortez, 2007.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FISCHER, Steven Roger. **História da Escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FLORES, Ana Paula; GUIMARÃES, Joice Eloi. Um estudo diacrônico da concepção de escrita e produção textual na revista Nova Escola. *In*: Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (SIELP), 2012, Uberlândia. **Anais do SIELP**. Volume 2, número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 1-15. Disponível em: [volume 2 artigo 023.pdf \(ufu.br\)](#). Acesso em: 21 jun 2022.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**: Há futuro para a escrita? Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **Técnica de redação**: O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

HAVELOCK, Eric A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. Tradução de Ordep José Serra. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoáievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019.